

VOZES SILENCIADAS E NARRATIVAS INTERCULTURAIS: TRADUÇÃO DE *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS E EDUCAÇÃO NA ITÁLIA¹

Manuela de Oliveira Magalhães ²

Resumo

O romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, apresenta vozes femininas e abolicionistas que desafiam estereótipos sociais e de gênero do século XIX. A tradução da obra para o italiano possibilita não apenas a ampliação do seu alcance internacional, mas também sua aplicação como recurso pedagógico em contextos escolares. Inserida em práticas de mediação intercultural, a leitura de *Úrsula* favorece a valorização do plurilinguismo, a reflexão crítica sobre desigualdades sociais, de gênero e étnicas, além do desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e afetivas. Ao aproximar literatura, tradução e educação, a obra de Maria Firmina reafirma a importância das narrativas como instrumentos decoloniais de diálogo, inclusão e transformação social.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis, literatura afrobrasileira, mediação intercultural, tradução e plurilinguismo

ENTRE VOCES SILENCIADAS Y NARRATIVAS INTERCULTURALES: EDUCACIÓN Y TRADUCCIÓN DE *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS EN LAS PRÁCTICAS ESCOLARES EN ITALIA

Resumen

La novela *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, presenta voces femeninas y abolicionistas que desafían los estereotipos sociales y de género del siglo XIX. La traducción de la obra al italiano no solo amplía su alcance internacional, sino que también permite su aplicación como recurso pedagógico en contextos escolares. Inserta en prácticas de mediación intercultural, la lectura de *Úrsula* favorece la valorización del plurilingüismo, la reflexión crítica sobre las desigualdades sociales, de género y étnicas, así como el desarrollo de competencias cognitivas, sociales y afectivas. Al vincular literatura, traducción y educación, la obra de Maria Firmina reafirma la importancia de las narrativas como instrumentos decoloniales de diálogo, inclusión y transformación social.

Palabras clave: Maria Firmina dos Reis, literatura afrobrasileña, educación intercultural, traducción, y plurilingüismo

BETWEEN SILENCED VOICES AND INTERCULTURAL NARRATIVES: EDUCATION AND TRANSLATION OF *URSULA* BY MARIA FIRMINA DOS REIS IN SCHOOL PRACTICES IN ITALY

Abstract

The novel *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, presents female and abolitionist voices that challenge 19th-century social and gender stereotypes. The translation of the work into Italian not only broadens its international reach but also enables its use as a pedagogical resource in school contexts. Within practices of intercultural mediation, the reading of *Úrsula* fosters the appreciation of multilingualism, critical reflection on social, gender, and ethnic inequalities, as well as the development of cognitive, social, and emotional competences. By bridging literature, translation, and education, Maria Firmina's work reaffirms the importance of narratives as decolonial instruments of dialogue, inclusion, and social transformation.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; Afro-Brazilian literature; intercultural mediation; translation; multilingualism

¹Artigo recebido em 30/09/2025. Primeira Avaliação em 16/10/2025. Segunda Avaliação em 29/10/2025. Aprovado em 10/11/2025. Publicado em 03/12/2025.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.69392>

²Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina - Brasil. Docente-leitora de Língua Portuguesa na Università degli Studi di Parma (UNIPR) - Itália. E-mail: manuelamaga@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5196568944052093>.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0284-293X>.

Introdução

O romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, apresenta vozes femininas e abolicionistas que desafiam os estereótipos sociais e de gênero do século XIX. A obra constitui um recurso valioso para análises educacionais e interculturais. Sua tradução para o italiano, em particular, permite explorar estratégias de mediação intercultural em contextos escolares, promover o plurilinguismo e desenvolver competências cognitivas e sociais, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva e decolonial.

Maria Firmina (1825-1917) foi musicista, poeta e professora, nascida em 11 de outubro de 1825, em São Luís do Maranhão. Filha de Leonor Felippa dos Reis, uma *escrava alforriada*, e de João Pedro Esteves, militar da Companhia de Cavalaria Franca do Maranhão, desde cedo demonstrou notável talento literário e profundo compromisso com a educação.

Em 1847, ao ser aprovada em concurso público, assumiu uma cátedra em Guimarães (MA)³. Posteriormente, em 1880, tornou-se pioneira na educação ao fundar a primeira escola mista e gratuita da cidade, promovendo a equidade educacional entre meninas e meninos – iniciativa alinhada às ideias emergentes do protofeminismo brasileiro da época.

Paralelamente à sua atividade educativa, Maria Firmina participou ativamente da vida intelectual de São Luís, colaborando regularmente com a imprensa local e desenvolvendo sua produção literária. Em 1859, publicou o romance *Úrsula*, hoje considerado um marco da literatura afro-brasileira, cuja narrativa reflete questões sociais e culturais da época, como observa Duarte (2005):

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o *primeiro romance da literatura afro-brasileira*, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a *condição do ser negro* em nosso país (Duarte, 2005, p. 144).

³ Para aprofundar, ver: GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: Editora AML, 2022.

Além disso, a autora denuncia a escravidão e a opressão social que atingem homens negros e mulheres, questionando os pressupostos da compreensão ocidental a respeito de tais grupos sociais e desafiando a tradição literária dominante no país. Desse modo, oferece aos leitores uma reflexão crítica sobre gênero, etnia e cidadania.

A narrativa de Maria Firmina constitui um recurso pedagógico significativo para a construção da consciência histórica e o fortalecimento do respeito à diversidade social. Essa ideia ganha ainda mais força quando o romance *Úrsula* é situado em debates sobre identidade e gênero, no contexto de um diálogo decolonial.

Nesse enquadramento, o romance evidencia as vozes historicamente silenciadas e marginalizadas – particularmente as de mulheres e pessoas negras – reposicionando-as como sujeitos ativos da história.

Em diversas sociedades, a exploração de minorias – entre elas mulheres e crianças – mantém-se sob uma aparente e ambígua forma de “inferioridade privilegiada”, como observa Steiner (2004). Apesar de desfrutarem de certa consideração social, mulheres e crianças permanecem submetidas a diferentes formas de exploração:

[...] Ambos os grupos devem sofrer formas evidentes de exploração – sexual, legal e econômica – ainda que se beneficiem de uma mitologia de prestígio particular. Assim, o sentimentalismo vitoriano acerca da superioridade moral de mulheres e crianças coexistia com práticas violentas de subjugação erótica e econômica. Sob essa pressão sociológica e psicológica, ambas as minorias desenvolveram códigos internos de comunicação e de defesa (mulheres e crianças constituíram uma minoria simbólica autodefinida, mesmo quando, em decorrência de guerras ou de outras circunstâncias especiais, seu número supera o dos homens adultos na comunidade). Existe um mundo linguístico feminino, assim como existe um infantil ⁴ (Steiner, 2004, p. 66).

Em sintonia com essas observações, Eco (2014) mostra como a literatura feminina do século XIX enfrentou temas como os direitos civis, a abolição da escravidão, o acesso à educação e as desigualdades de classe. Se Steiner (2004)

⁴ Todas as traduções de textos em língua estrangeira para o português presentes neste trabalho foram realizadas pela autora. Texto de partida: “[...] Entrambi devono subire forme evidenti di sfruttamento – sessuale, legale, economico – pur beneficiando di una mitologia di particolare riguardo. Così, il sentimentalizzare vittoriano della superiorità morale delle donne e dei bambini coesisteva con forme violente di asservimento erotico ed economico. Sotto tale pressione sociologica e psicologica, tutte e due le minoranze hanno sviluppato codici interni di comunicazione e di difesa (donne e bambini costituiscono un'autodefinita minoranza simbolica anche quando, in seguito a guerre o ad altre circostanze speciali, il loro numero supera quello dei maschi adulti nella comunità). Vi è un mondo linguistico femminile proprio come ve n'è uno infantile”.

delineia a lógica de exclusão e marginalização, Eco (2014) oferece um retrato de como essas dinâmicas se traduzem em demandas de reivindicação e em uma contestação das convenções sociais e literárias da época.

Essas reflexões encontram paralelo em *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. Segundo Rocha (2000), a obra se distingue por sua capacidade de ir além da simples caracterização de personagens, conduzindo o leitor à exploração de sua interioridade e consciência moral. Por meio dessa profundidade narrativa, Maria Firmina se coloca em oposição às convenções literárias da época, inserindo na trama temas de grande relevância social e antecipando questões que posteriormente caracterizariam os debates abolicionistas.

As escolhas narrativas da autora refletem a tensão entre opressão e resistência descrita por Steiner (2004), ao evidenciar a formação de linguagens próprias como resposta simbólica à marginalização. Do mesmo modo, Eco (2014) reconhece que tais processos marcaram a produção literária feminina do século XIX.

A trajetória de Maria Firmina dos Reis ilustra como as dinâmicas de silenciamento se impuseram sobre escritoras – em especial as mulheres negras – no Brasil oitocentista. Tais questões encontram ressonância nas “vozes dissidentes e esquecidas” silenciadas pelas censuras históricas que sistematicamente excluíram a população negra e as mulheres, relegando-as a uma posição subordinada. Nesse sentido, Duarte (2005) chama a atenção para as estratégias de invisibilização às quais a autora esteve sujeita ao publicar *Úrsula*:

[...] como era comum numa época em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, a autora omite seu nome tanto na capa quanto na folha de rosto de *Úrsula*, ali consignando apenas o pseudônimo “Uma Maranhense”... Desta forma, a ausência do nome, aliada à indicação da autoria feminina e, ainda, a procedência da distante província nordestina, juntam-se, conforme veremos, ao tratamento absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro (Duarte, 2005, p.133).

Em *Úrsula* emergem a concepção e as transformações das vozes femininas dentro do diálogo entre as personagens. Essas vozes autênticas se confrontam e se fragmentam diante da suposta superioridade do abolicionismo hegemônico, caracterizado pela clássica visão patriarcal do homem europeu do século XIX.

A partir dessa perspectiva, Maria Firmina introduz importantes elementos discursivos que recuperam a memória dos africanos escravizados no Brasil e de seus

descendentes. Dessa forma, a autora contribui para a recuperação da identidade africana na literatura brasileira, como observa Duarte (2005):

Essa voz africana traz para a literatura brasileira o sentido suplementar configurado pelo traço ancestral oriundo de um outro continente e de uma outra civilização, aparentemente deixada para trás e, talvez por isso mesmo, fortemente recalcada pelo discurso hegemônico do paraíso tropical brasileiro. Esse discurso, presente em José de Alencar e em tantos mais, tem sua credibilidade abalada pelas vozes postas em circulação por Maria Firmina. As pretas velhas da escritora maranhense carregam a literatura oitocentista de uma historicidade que soa subversiva frente aos estereótipos do bom senhor e do escravo contente. Mãe Joana e Mãe Suzana estão a nos lembrar que a África não ficou para trás, nem é uma página virada. A África está presente e esses relatos, carregados de uma autoridade forjada pelo testemunho, ganham uma dramática autenticidade (Duarte, 2005, p.142).

O romance se concentra em um complexo enredo sentimental que envolve Úrsula, Tancredo e o Comendador Fernando P., tio de Úrsula, personagens pertencentes à elite branca brasileira. A narrativa, estruturada em vinte capítulos com um epílogo, é conduzida em terceira pessoa e entrelaça uma perspectiva interseccional sobre etnia e gênero, em um espaço geográfico e social em que tanto os personagens brancos quanto os negros sofrem diversas formas de opressão.

No centro da narrativa está o amor trágico entre Úrsula e Tancredo, complicado pela presença do Comendador P. A narrativa explora não apenas o conflito emocional entre uma mulher branca e um homem branco, mas também se faz porta-voz dos sofrimentos das pessoas escravizadas e das temáticas relacionadas à opressão feminina, oferecendo uma leitura crítica e aprofundada da sociedade brasileira do século XIX.

Ao se colocar como uma ruptura em relação aos romances do período, Maria Firmina introduz uma inovação conceitual, dissociando-se da visão estereotipada sobre os homens negros, as mulheres e, em particular, as mulheres negras, frequentemente presente em obras similares. Pela primeira vez, a autora representa-os como pessoas capazes de construir o próprio destino por meio de suas vicissitudes, como observa Bora (2006):

[...] Procurando fugir o modelo maniqueísta de representação entre o branco e o negro, típico da visão eurocêntrica, a sua condição como sujeito periférico permite que ela seja fiel ao seu próprio modelo de representação, apesar de sua “incômoda” posição como mulher,

“agravada” ainda mais pelo desprestígio atribuído à cultura afro-brasileira. A escritora então, coloca-se numa posição estratégica de fronteira, que a permite assumir e negociar a sua subalternização, através da elaboração de um discurso intelectual que se transforma em uma marca de comunicação entre o mundo colonizado do patriarca e do mundo dos demais sujeitos, que como ela, pertencem ao mundo da alteridade (Bora, 2006, p. 83-84).

Na narrativa, a autora dá voz a três personagens negros – Túlio, Susana e Antero – que denunciam os abusos e as injustiças livremente praticados contra negros e mulheres em uma sociedade brasileira autoritária e patriarcal. De fato, o que mais distingue esta obra de muitas outras da sua época não é tanto o enredo tipicamente romântico, mas, como observa Telles (1997), a atenção dada à voz dos escravos, sobretudo se considerarmos a literatura romântica, engajada em um ideal nacionalista funcional à construção da nação brasileira. Nesse sentido, Telles afirma:

Nessa perspectiva é que podemos avaliar melhor o livro de Maria Firmina dos Reis, de 1859, que discorre de outro modo sobre o africano, sobre as relações de família e a posição da mulher branca naquela sociedade (Telles, 1997, p. 346).

Os personagens desta obra, portanto, são marcados por características que refletem historicidade, etnicidade e gênero. Eles rompem com os estereótipos tradicionais sobre os africanos, situando-se como seres humanos dentro do Romantismo brasileiro, dotados de uma identidade cultural própria. Dessa forma, tornam-se também objetos de investigação privilegiados, capazes de atravessar o tempo e oferecer à sociedade um papel fundamental na construção do pensamento decolonial⁵.

À luz dessas considerações, a tradução do romance *Úrsula* assume um significado que vai além de uma mera transposição linguística. Traduzir uma obra como a de Maria Firmina dos Reis implica lidar com questões históricas, políticas e étnicas presentes em todos os níveis do texto. A tradução proposta busca, portanto, oferecer ao leitor italiano uma perspectiva crítica e ampliar a compreensão sobre o

⁵ O pensamento decolonial propõe uma crítica ao legado da *colonialidade* — entendida não apenas como dominação política e econômica, mas também epistêmica e cultural — que persiste nas formas modernas de produção de conhecimento e poder. Busca-se evidenciar e valorizar saberes, identidades e narrativas historicamente marginalizadas pelo eurocentrismo, promovendo uma reconfiguração dos discursos e práticas acadêmicas a partir da perspectiva do Sul Global. Para aprofundamento, ver: MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p.1-18, 2017; QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

passado brasileiro, italiano e europeu. Ela possibilita o confronto com modos de pensamento diferentes daqueles predominantes na literatura do século XIX. Nesse sentido, Candido (1995, p.256), observa que a literatura “nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”.

Tradução italiana de *Úrsula*

A produção literária de Maria Firmina dos Reis adquire especial relevância quando analisada sob uma perspectiva decolonial, na medida em que torna visíveis vozes historicamente silenciadas e marginalizadas. Nesse contexto, a tradução de *Úrsula* (1859) para o italiano configura-se como um processo efetivo de mediação intercultural⁶. Traduzir a obra implicou um contínuo trabalho de negociação com o texto de partida, com o objetivo de manter suas nuances históricas, culturais, sociais e de gênero, e permitir ao público italiano acesso a realidades, valores e experiências próprias do período narrado.

O processo tradutório foi realizado segundo uma metodologia qualitativa e interpretativa, alinhada ao paradigma das *Descriptive Translation Studies* de Toury (1995) e às reflexões teóricas de Osimo (2020) e Eco (2003). Essa abordagem possibilitou analisar as escolhas tradutórias à luz dos valores culturais, históricos e ideológicos, articulando pesquisa teórica, análise crítica e prática tradutória. A tradução, nesse sentido, constitui-se em um instrumento de reparação simbólica e difusão internacional da voz de Maria Firmina dos Reis.

Os desafios tradutórios em *Úrsula* (1859) envolveram tanto nuances estilísticas quanto adequação linguística e cultural, exigindo decisões interpretativas conscientes. Parte dessa complexidade residiu na tradução de conteúdos implícitos da cultura brasileira do século XIX, que demandou não apenas competências linguísticas, mas também consciência histórica e cultural, a fim de favorecer uma recepção significativa na Itália e despertar o interesse das leitoras e dos leitores contemporâneos.

Tais desafios manifestam-se na necessidade de manter, na língua italiana, a tensão entre o dito e o “não-dito”, entre a aparente modéstia e a crítica implícita à

⁶ Tradução realizada no âmbito da minha pesquisa de doutorado. MAGALHÃES, Manuela de Oliveira. *Úrsula di Maria Firmina dos Reis, una traduzione commentata in italiano: tra etnie, culture e voci femminili*. 270 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

opressão de gênero e etnia, sem comprometer o caráter expressivo e reflexivo da escritura de Maria Firmina dos Reis. Nesse processo, a oscilação entre humildade e denúncia exigiu uma negociação cuidadosa com o texto de partida, visando manter o tom ambivalente da autora e evitar tanto a rigidez quanto a neutralização semântica.

Desde o prólogo, Maria Firmina posiciona-se de maneira consciente diante das limitações impostas às mulheres escritoras de sua época. Sua autocrítica inicial, marcada por um discurso de humildade e quase resignação, contrasta com a audácia de publicar um livro em um contexto androcêntrico.

A tradução do prólogo seguiu a categorização proposta por Osimo (2020), que diferencia duas dimensões presentes no texto de partida: o que é explicitamente declarado (o dito) e o que permanece subentendido (o “não-dito”). Essa distinção evidencia não apenas a consciência de Maria Firmina em relação às barreiras sociais, mas também sua estratégia retórica para antecipar e neutralizar possíveis críticas.

Tal efeito torna-se perceptível em expressões como “*Mesquinho e humilde*”, “*indifferentismo glacial*” e “*riso mofador*”, traduzidas respectivamente como “*misero e umile*”, “*gelida indifferenza*” e “*ironico scherno*”. Essas escolhas não apenas transmitem uma aparente modéstia, mas também sugerem uma percepção apurada das possíveis reações do público, estimulando a cooperação interpretativa. Esse efeito de ambiguidade e autoconsciência mantém-se na tradução, conforme se observa no fragmento a seguir:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indifferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou à lume. (REIS, 1975, p. 5)

Misero e umile è questo libro che vi presento, lettore. Sono consapevole che passerà tra la gelida indifferenza di alcuni e l'ironico scherno di altri, e nonostante questo, lo do alle stampe⁷.

Ainda no prólogo, essa mesma tensão discursiva reaparece em outro momento, em que as expressões “*sei que pouco vale este romance, porque escripto por uma mulher*”, “*sem o tracto e a conversação dos homens illustrados*” e “*com uma instrucção misérrima*” não configuram apenas uma admissão de humildade, mas também uma crítica velada à cultura patriarcal, que associa eloquência e autoridade

⁷ Todas as traduções do português para o italiano de *Úrsula* (1975) presentes neste trabalho foram realizadas pela autora e constam em: MAGALHÃES, Manuela de Oliveira. *Úrsula di Maria Firmina dos Reis, una traduzione commentata in italiano: tra etnie, culture e voci femminili*. 270 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

intelectual aos homens. Ao mesmo tempo, revelam uma percepção clara de sua posição social e cultural como mulher brasileira com acesso limitado à educação, conforme se observa no fragmento a seguir:

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de author. Sei que pouco vale este romance, porque escripto por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o tracto e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrucção miserrima, apenas conhecendo a lingua de seus paes, e pouco lida, o seu cabedal intellectual é quasi nullo. (REIS, 1975, p. 5)

Non è la vanità di ottenere un nome ad accecar mi, neppure l'autostima di un autore. So che questo romanzo vale poco, perché scritto da una donna e donna brasiliana, di modesta istruzione e senza lo stile e l'eloquio di uomini illuminati che consigliano, discutono e correggono; con una miserrima formazione, conoscendo appena la lingua dei suoi genitori, e poco colta, la sua proprietà intellettuale è quasi nulla.

Desse modo, tanto nas passagens de autocrítica quanto nas de denúncia implícita, a tradução buscou resguardar o tom dual que a autora estabelece – uma combinação entre a aparente modéstia e a consciência crítica. Essa atenção às nuances discursivas estende-se também às passagens narradas pela personagem Susana, cuja voz carrega uma dimensão dramática e histórica na obra. O desafio consistiu em reproduzir a densidade emocional e o peso testemunhal da narrativa da escravidão, sem recorrer a soluções estilísticas que suavizassem o impacto da violência descrita.

A força expressiva do texto de partida projeta-se na tradução, transmitindo tanto a intensidade emocional quanto a crueza do relato da personagem Susana. Isso ocorre por meio de ações enérgicas e de um léxico denso em significados, como “*me jogaram*”, “*tormentos cruéis*”, “*falta de tudo*”, “*mercadoria humana*” e “*acorrentados como feras selvagens*”, traduzidos respectivamente como “*mi hanno buttato*”, “*crudeli tormenti*”, “*mancanza di tutto*”, “*la merce umana*” e “*incatenati come le bestie feroci*”. Essas escolhas tornam vívida e imediata a brutalidade da condição da escravidão, conforme se observa no fragmento a seguir:

Metteram-me a mim e a mais tresentos companheiros de infortunio e de captiveiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário á vida passamos n'essa sepultura até que abordamos ás praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta,

acorrentados como os animais ferozes das nossas mattas, que se levam para recreio dos potentados da Europa [...].(Reis, 1975, p.93)
Mi hanno buttato, insieme a più di trecento compagni di sventura e di cattività, nella stiva stretta e putrescente di una nave.
Trenta giorni di crudeli tormenti, e di assoluta mancanza di tutto quanto di più necessario è alla vita passammo in quella tomba, fino ad approdare sulle spiagge brasiliane. Per far entrare la merce umana nella stiva, siamo stati legati in piedi e, in modo che non ci fosse possibilità di ribellione, incatenati come le bestie feroci delle nostre foreste che vengono portate per divertimento ai potentati d'Europa [...]

A solução tradutória, nesse contexto, baseou-se em uma abordagem funcionalista e interpretativa, orientada pela *skopos theory* de Vermeer (1989) e pelas reflexões de Eco (2023) sobre equivalência de efeito. As escolhas lexicais – como “*pouco colta*” para “*pouco lida*” e “*incatenati come bestie feroci*” para “*acorrentados como feras selvagens*” – foram guiadas pela intenção comunicativa. Essa estratégia permitiu manter o tom político e emocional das vozes femininas e abolicionistas, reproduzindo na versão italiana o mesmo efeito de denúncia, empatia e resistência do texto de partida.

A realidade, considerada sob a ótica da tradução, pode ser entendida como uma forma de representar o mundo tal como percebido por cada indivíduo. Entretanto, essa realidade não é única, pois a percepção é, por natureza, subjetiva. O que cada indivíduo percebe não corresponde a uma representação objetiva do real, mas a uma das múltiplas interpretações possíveis.

A experiência subjetiva influencia a percepção da realidade de cada pessoa. Assim, a realidade é refletida individualmente e reinterpretada segundo categorias e modelos interpretativos próprios. A realidade percebida é sempre interpretada, como observa Eco (1997), uma vez que a compreensão do presente se dá através do filtro da experiência passada.

Segundo Lotman (2022), o conjunto de todas as culturas e suas relações mútuas constitui a *semiosfera*, dividida em diversos níveis, que vão desde continentes ou estados até culturas individuais. Cada indivíduo carrega consigo uma linguagem interna, uma chave de leitura subjetiva da realidade, cuja interpretação se traduz em um sistema cultural específico. A cultura, nesse sentido, torna-se um instrumento de interpretação e tradução da realidade: assim como um texto pode ser traduzido de múltiplas maneiras, a realidade pode produzir diferentes culturas.

Osimo (2020) destaca que a consciência da existência de outras culturas e dos limites da própria surge do conhecimento direto de realidades diferentes e da

necessidade de comunicação intercultural. À medida que aumenta o grau de socialização do indivíduo, multiplicam-se as estratégias para mediar entre culturas, tornando a própria cultura traduzível para outras e vice-versa.

Lotman (2022) observa que, ao tentar transmitir seu modelo cultural externamente e, ao mesmo tempo, assimilar elementos de outros, os membros de uma cultura desenvolvem funções tradutórias.

A tradução configura-se, portanto, como um instrumento de crescimento e influência mútua entre sistemas culturais: expande as capacidades cognitivas, oferecendo novos pontos de vista para compreender a realidade. O texto de partida, ancorado na cultura de origem, confronta-se com a cultura de destino no processo tradutório, resultando no texto de chegada. Segundo Popović (2006), essa dinâmica caracteriza a tradutibilidade, ou seja, a relação comunicativa entre autor e destinatário da tradução.

Nesse contexto, a tradução não é secundária, mas atua como força propulsora na formação de novos modelos estéticos, linguísticos e ideológicos, enriquecendo o repertório do sistema literário de destino. Uma análise exemplar dessa dinâmica é oferecida pela antologia *Literatura Traduzida & Literatura Nacional*, organizada por Guerini, Torres e Costa (2008), que reflete sobre o papel da tradução na construção e renovação das literaturas nacionais.

Nesse horizonte, a tradução do romance *Úrsula* (1859) adquire valor singular ao trazer à cena italiana Maria Firmina dos Reis, uma voz feminina, afrodescendente e abolicionista, que antecipa debates sobre gênero, etnia e memória da diáspora africana. A tradução da obra aproxima dois contextos literários e culturais e reposiciona a escritora no cenário internacional, reafirmando a relevância de sua escrita no presente.

Além disso, essa tradução desempenha um papel importante no fortalecimento de novos modelos e novas linguagens dentro do sistema literário italiano, valorizando sua pluralidade e sustentando os caminhos da produção de escritoras e escritores afro-italianos. Um exemplo expressivo é o de Igiaba Scego (2019; 2020), já traduzida no Brasil, cuja escrita inovadora se insere em um processo de descolonização do pensamento e contribui para enriquecer o panorama multicultural da Itália contemporânea. Em 2019, Scego organizou a primeira antologia de escritores afro-

italianos contra o racismo, *Future. Il domani narrato dalle voci di oggi*, que evidencia a relevância dessas vozes na luta contra a discriminação.

A tradução de uma narrativa brasileira do século XIX, como *Úrsula*, oferece ao público italiano a oportunidade de confrontar-se com perspectivas historicamente silenciadas e, ao mesmo tempo, promove um diálogo linguístico e intercultural que atravessa fronteiras temporais e geográficas.

Narrativas interculturais e *Úrsula* nas escolas italianas

Nessas perspectivas, torna-se fundamental refletir sobre o papel que narrativas como *Úrsula* (1859) podem desempenhar como mediadoras interculturais hoje, no contexto educacional. A tradução italiana do romance, em processo de publicação, foi apresentada em âmbitos acadêmicos e literários na Itália, despertando o interesse dos participantes, professores, educadores e estudantes, pelas questões de gênero, etnia e memória histórica. Essa recepção inicial demonstra o potencial da obra como ferramenta pedagógica e de reflexão crítica no campo da educação intercultural e decolonial, ampliando o diálogo entre a literatura brasileira e o contexto cultural italiano.

As práticas de mediação se difundiram nos anos 1960, inicialmente no campo jurídico, sobretudo em países multiculturais como Estados Unidos e Canadá, onde foram aplicadas no âmbito do direito de família, comercial e civil, e posteriormente expandiram-se para outros domínios, como o educacional e o cultural⁸.

Com o aumento do fenômeno migratório, a mediação consolidou-se como uma prática essencial para aproximar pessoas de diferentes culturas, promover o diálogo e prevenir conflitos. Mediar significa unir as diversidades em busca de coesão social e de igualdade de tratamento, sem anular as características culturais próprias. Como observa Tarozzi (1998):

A mediação é um ato intencional que permite criar ou tornar evidentes os vínculos existentes entre dois indivíduos aparentemente distantes.

⁸ Para aprofundar, ver: Magalhaes, *Mediazione interculturale e Adozione internazionale, tracce di un'esperienza brasiliana*. Genova: Liberodiscrivere, 2013.

Consiste em posicionar-se nos espaços interpessoais para favorecer conexões entre elementos distantes⁹ (Tarozzi, 1998, p.116).

Inicialmente, a mediação transforma a fronteira em uma *zona neutra*, que possibilita encontro, reconhecimento e compreensão mútua. O mediador busca não apenas a resolução de conflitos, mas também a construção de vínculos interculturais. Nesse sentido, como observa Prats (2010), o mediador recorre a uma variedade de técnicas, entre as quais se destacam: composição de soluções negociadas; preparação de atividades preventivas para evitar hostilidades; e elaboração de propostas que transformem conflitos em oportunidades de diálogo e enriquecimento cultural.

Nos últimos trinta anos, o fenômeno migratório na Europa acentuou distâncias étnico-culturais e desigualdades socioeconômicas, tornando a mediação intercultural uma prática imprescindível para a promoção da coesão social. Santagati (2009) observa que a mediação atua como resposta

[...] à presença de pessoas consideradas culturalmente distantes dos autóctones – com línguas, culturas e modelos de organização social e familiar diferentes daqueles do país de acolhimento – e tem como objetivo evitar os possíveis conflitos decorrentes das dificuldades relacionais e comunicativas entre diferentes grupos¹⁰ (Santagati, 2009, p.18).

Assim, a mediação permite que a sociedade evolua de uma lógica multicultural, caracterizada por interações limitadas entre grupos, para uma lógica intercultural, centrada no diálogo e na negociação. Onghena (2009) reforça que esse diálogo ocorre entre pessoas, que se comunicam por meio de suas memórias e experiências, ativando um processo relacional baseado na troca. Nessa perspectiva, o diálogo torna-se central para reorganizar as relações de forma justa e equitativa.

A filósofa Martha Nussbaum (2010) amplia esse horizonte ao associar o papel do mediador à dialética socrática, que permite superar pacificamente as diferenças. Em sociedades plurais, o exercício de assumir responsabilidade pelos próprios

⁹ Texto de partida: “La mediazione è un atto intenzionale che consente di creare o rendere evidenti i legami che sussistono tra due soggetti apparentemente lontani. È collocarsi negli spazi interpersonali per favorire collegamenti tra elementi lontani.”

¹⁰ Texto de partida: “[...] alla presenza di persone considerate distanti culturalmente dagli autoctoni – con lingue, culture, modelli di organizzazione sociale e familiare diversi da quelli del paese d'accoglienza – e si pone l'obiettivo di evitare le possibili conflittualità conseguenti alle difficoltà relazionali e comunicative tra diversi”.

pensamentos e dialogar com respeito recíproco torna-se essencial, sobretudo em contextos marcados por conflitos étnicos, culturais e religiosos.

Na Itália, desde os anos 1990, a mediação consolidou-se na comunidade escolar como prática social e cultural voltada para a inclusão de estudantes estrangeiros. Diretrizes do Ministério da Educação (MIUR), incluindo circulares ministeriais e a Lei nº 40/1998, regulamentam o uso de mediadores culturais e promovem a educação intercultural, valorizando tanto a língua materna quanto a cultura de origem dos alunos. Essas políticas têm como objetivo acolher e prevenir conflitos, promovendo também o plurilinguismo, de modo que o aprendizado da língua italiana não substitua a língua materna, mas coexista com ela, preservando a identidade e a memória cultural. Como lembra De Mauro (2005):

Uma língua, quero dizer, uma língua materna na qual nascemos e aprendemos a nos orientar no mundo, não é uma luva, um objeto descartável. Ela permeia a nossa vida psicológica, nossas lembranças, associações e esquemas mentais. Abre caminhos para o compartilhamento com os outros e as outras que a falam, e constitui, portanto, o enredo invisível e forte da nossa vida social e relacional, da identidade de grupo.¹¹ (De Mauro, 2005, p. 05).

Conclusão

Nesse cenário, obras literárias como *Úrsula* (1859) tornam-se importantes ferramentas pedagógicas de mediação intercultural. Inspirando-se em experiências desenvolvidas nas escolas públicas de Gênova (Magalhães, 2013; 2023), a tradução do romance *Úrsula* configura-se como uma ponte pedagógica, capaz de criar diálogo entre culturas, valorizar o plurilinguismo e promover a inclusão escolar. A obra possibilita à comunidade educativa refletir criticamente sobre desigualdades, direitos humanos e diversidade cultural, estimulando competências sociais e críticas em estudantes de diferentes origens.

A experiência italiana mostra que a narração pode ser utilizada como estratégia pedagógica eficaz para promover empatia, inclusão e desenvolvimento cognitivo. Inserida em oficinas de pedagogia narrativa e em projetos de mediação intercultural

¹¹ Texto de partida: “Una lingua, voglio dire una lingua materna in cui siamo nati e abbiamo imparato a orientarci nel mondo, non è un guanto, uno strumento usa e getta. Essa innerva la nostra vita psicologica, i nostri ricordi, associazioni, schemi mentali. Essa apre le vie al con-sentire con gli altri e le altre che la parlano ed è dunque la trama della nostra vita sociale e di relazione, la trama, invisibile e forte, dell'identità di gruppo”.

educativa, a leitura de *Úrsula* favorece: a exploração de identidades e conexões culturais; a reflexão sobre desigualdade de gênero, cidadania e memória histórica; o desenvolvimento da expressão oral e escrita em diferentes línguas; e a construção de vínculos afetivos e sociais entre estudantes, famílias e a comunidade escolar (Magalhães, 2013; 2023).

Incluir *Úrsula* em práticas educativas interculturais na Itália significa valorizar vozes historicamente silenciadas e fortalecer uma educação decolonial. Dessa forma, a obra deixa de ser apenas um texto literário e transforma-se em um instrumento de mudança social e educacional, conectando passado e presente em um espaço de diálogo e aprendizado coletivo.

Referências

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 1995, p. 255-267.

DE MAURO, T. Seimila lingue nel mondo. In: AMMENDOLA, C. S. **Lei che sono io**. Roma: Sinnos Editrice, 2005, p. 3-4.

DUARTE, E de A. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2005, p.132-145.

ECO, U. **Kant e l'ornitorinco**. Milano: Bompiani, 1997.

GOMES, A. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: Editora AML, 2022.

GUERINI, A; TORRES, M-H; Costa, W. C. (Orgs.). **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

ITALIA. **Legge n. 40**, 06/03/1998. Disponível em: <https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:legge:1998-03-06;40>. Acesso em 10 de novembro de 2025.

LOTMAN, J. M. **La semiosfera**. La nave di Teseo, 2022.

MAGALHÃES, M. **Úrsula di Maria Firmina dos Reis, una traduzione commentata in italiano**: tra etnie, culture e voci femminili. 2025. 270f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – UFSC, Florianópolis.

MAGALHÃES, M. Il linguaggio delle favole come strategia interculturale. In: MARTINES, Enrico; RAGUSA, Andrea (Org.). **Il testo e le sue dinamiche nelle culture di lingua portoghese**. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2023, p. 357-365.

MAGALHÃES, M. **Mediazione interculturale e Adozione internazionale, tracce di un'esperienza brasiliana**. Genova: Liberodiscrivere, 2013.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad.: M. Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318360741_COLONIALIDADE_O_LADO_MAI_ESCURO_DA_MODERNIDADE. Acesso em 6 de novembro de 2025.

NUSSBAUM, M. Il Potere del Sapere. **Internazionale**. Roma, n. 870, 2010, p. 36.

ONGHENA, Y. Derechos humanos y sociedad intercultural. In: CARPANI, Daniela (Org.). **Diritti umani e società interculturale**. Firenze: Centro Editoriale Toscano, 2010, p.21-27.

OSIMO, B. **Traduzione della cultura**. Problemi traduttivi in relazione alle differenze culturali. Torrazza Piemonte: Printed by Amazon Italia Logistica S.R.L, 2020, p. 95.

POPOVIČ, A. **La scienza della traduzione**. Aspetti metodologici. La comunicazione traduttiva. Milano: Hoepli, 2006.

PRATS, G. Mediazione Interculturale. In: DE LUISE, Danilo; MORELLI, Mara. (Orgs.). **Tracce di mediazione**. Monza: Polimetrica Monza, 2010, p.85-95.

REIS, M. F. dos. **Úrsula**. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; São Luiz: Governo do Maranhão, 1975.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SANTAGATI, M. Mediazione interculturale e scuola: un'introduzione. In: LAGOMARSINO, Francesca; TORRE, Andrea (Orgs.). **La Scuola "plurale" in Liguria**. Genova: Il Melangolo, 2009, p.15-66.

SANTAGATI, M. **Mediazione e integrazione**: processi di accoglienza e di inserimenti dei soggetti migranti. Milano: FrancoAngeli, 2004.

SCEGO, I (Org.). **Future**. Il domani narrato dalle voci di oggi. Effequ, 2019.

SCEGO, I. **La linea del colore**. Milano: Bompiani, 2020.

STEINER, G. **Dopo Babele**: Aspetti del linguaggio e della traduzione. Trad. R. Bianchi; C. Béguin. Milano: Garzanti, 2004.

TAROZZI, M. **La mediazione educativa**, "Mediatori culturali" tra uguaglianza e differenza. Bologna: Clueb, 1998.